

## O Concílio e o terremoto na Igreja

### NOTA DA MONTFORT:

O grande terremoto causado pelo Concílio Vaticano II, encerrado há 45 anos, ainda causa danosas e terríveis convulsões na Igreja e no Mundo, como bem analisa a escritora italiana Irene Bertoglio, cujo artigo - **O Concílio e o terremoto na Igreja** - publicamos abaixo.

O anúncio do Concílio Vaticano II, feito pelo Papa João XXIII, surpreendeu a todos. Mons. Montini, por exemplo, então Arcebispo de Milão, comentou surpreso com seu secretário: “o *Papa não sabe em que vespeiro está se metendo*”.

Nesse ‘*vespeiro*’, confuso e intrincado, havia de tudo: desde os poucos que queriam manter e reafirmar a doutrina de sempre ao extremo oposto, os Modernistas, que batalhavam por reformas profundas. Entre estes dois campos, havia a grande maioria de bispos ‘moderados’ que apoiavam tanto manter certas teses de sempre, como julgavam aceitáveis certas reformas, servindo, assim, a *dois senhores*.

Com isso, a vitória final da ala Modernista naquele Concílio ficou patente já na primeira reunião, quando as teses da Cúria foram eliminadas da pauta das discussões e substituídas pelas teses revolucionárias do Modernismo [vide **O Reno se lança no Tibre**, Pe. RALPH M. WILTGEN - 1967].

Como afirmou Jean Guitton, amigo íntimo de Paulo VI:

*“Quando leio os documentos concernentes ao Modernismo, tal como ele foi definido por São Pio X, e quando os comparo com os documentos do Concílio Vaticano II, não posso deixar de ficar desconcertado. **Porque o que foi condenado como uma heresia em 1906 foi proclamado como sendo e devendo ser doravante a doutrina e o método da Igreja.** Dito de outro modo, os modernistas em 1906 me aparecem como precursores. Meus mestres*

*faziam parte deles [os modernistas]. Meus pais me ensinavam o Modernismo. Como São Pio X pode repelir os que agora me aparecem como precursores?'* (Jean Guitton, **Portrait du Père Lagrange**, Éditions Robert Laffont, Paris, 1992, p.55-56).

O artigo abaixo constata diversos setores da Igreja hoje abalados pelo terremoto daquele Concílio pastoral.

---

## O Concílio e o terremoto na Igreja

**Irene Bertoglio**

12/06/2010

Fonte: [http://www.papanews.it/dettaglio\\_approfondimenti.asp?IdNews=14827](http://www.papanews.it/dettaglio_approfondimenti.asp?IdNews=14827)

CITTA' DEL VATICANO - Se a sociedade civil sentiu os primeiros movimentos telúricos em 1968, **a Igreja entrou no clima de revisão pelo menos 6 anos antes, com o Concílio Ecumênico Vaticano II**, iniciado em 1962 e encerrado em 1965. **E com a renovação (compreensível e, em certos aspectos, aceitável e necessária)** surgiram os primeiros sinais do **terremoto que estava explodindo**.

Alguém, com muito mais autoridade do que eu, já denunciara as modificações tentadas e feitas para mudar a rota da Igreja: uma visão teológica diferente de Deus, de **Jesus Cristo, da Igreja e do homem**, uma atitude pastoral diferente na relação Igreja / mundo e **na relação entre a Igreja católica e as outras confissões cristãs ou entre a Igreja católica e as outras religiões, um modo diferente de conceber a disciplina**.

Em maio de 1989, o presidente da C.E.I., o **Cardeal Ugo Poletti**, preocupado e ***conseqüentes divisões no organismo clerical***. E ainda: ***“As preocupações referem-se particularmente aos alunos dos nossos seminários e institutos religiosos, aqueles que amanhã serão os nossos novos sacerdotes, e que certamente não recebem hoje de alguns dos seus mestres um exemplo formativo, sob o perfil da teologia, da espiritualidade e do senso da Igreja”***. com o que sessenta e três especialistas em ciências eclesíásticas escreveram para a Igreja italiana, notou ***“profundas alterações no conteúdo da fé católica***

Pergunto: **se os bispos italianos não se limitassem somente a algumas lamentações sem efeito, a choramingas sem conseqüências, se tivessem tomado a decisão corajosa e dolorosa** No entanto, o terremoto agora permanente do qual a Igreja é vítima há 40 anos, foi veiculado nas novas gerações de padres mal formados nos seminários: a infecção que estes **contraíram nos anos da sua formação (ou deformação!), transmitiram-na, depois, nas suas paróquias.** , mas necessária, de desinfetar os seminários, não teriam saído novos seminaristas em plena sintonia com a doutrina, com as diretivas e com as necessidades da Igreja?

**Hoje muitos bispos não governam mais a Igreja: diante de certos comportamentos gravíssimos de alguns padres, limitam-se a algumas amargas constatações e a piedosos conselhos, e nada mais. Parece que se envergonham do poder do governo, como se fosse um sinal de dureza do coração.** Não governam por temer os contra-golpes que certamente receberiam de uma base (e estou falando de sacerdotes) agora já anárquica e ingovernável. Governar significa fazer Leis, obrigar a respeitá-las e punir quem as viola.

Jesus fundou a sua Igreja sobre três “pernas”. O poder de ensinar, o poder de santificar e o poder de governar. Tentar deixar a Igreja em pé só sobre duas pernas, sem o poder de governo, é pura e danosa ilusão. E **a anarquia presente hoje na Igreja o demonstra amplamente**

**Quando até sacerdotes favoráveis ao aborto (e portanto assassinos) ficam impunes, qualquer outro rebelde sabe que terá garantida a impunidade. Se um padre cuspir no rosto de Cristo com heresias e revoltas sistemáticas, algum bispo está imediatamente pronto a invocar a caridade, a paciência, a necessária compreensão em relação a um irmão que se engana, a capacidade de saber aguardar um seu arrependimento... Se fosse preciso, por que renunciar a chamar a atenção também dos bispos? É S. Paulo que nos ensina a fazê-lo, criticando nada menos que o apóstolo Pedro, chefe da Igreja, e primeiro Papa, *“de simulação, de hipocrisia, de comportamento não reto conforme a***

**verdade do Evangelho” e o corrige “na presença de todos” (Gal 2, 11-14).**

É o caso de meditar atentamente sobre quanto escreveu João-Paulo II falando de si mesmo: **“Ao papel de Pastor faz parte também a advertência. Acho que, neste aspecto, talvez fiz muito pouco... Talvez devo reprovar-me por não ter procurado suficientemente dar ordens. Até certo ponto, isto deriva do meu temperamento. Se o bispo diz: “Aqui quem manda sou eu”, ou então, “Eu estou aqui para servir” falta alguma coisa: ele deve servir governando e governar servindo”.**

A crítica é um bem quando nasce do amor à Igreja e da vontade de melhorar os nossos Pastores. E quando se critica a sua atuação não é baseado em nossos critérios, mas nos critérios de Jesus Cristo. Se um bispo não remove um padre abortista ou herege, os outros padres e todos os fiéis, embora sofrendo, não podem fazer nada. Este pecado de omissão permitiu aos lobos de permanecer imperturbáveis no meio do rebanho e prejudicar as ovelhas indefesas.

Estou consciente de que quem apresenta qualquer objeção em relação ao Concílio é imediatamente atacado como rebelde à Igreja. Mas, sem dúvida, é evidente que algumas coisas pouco claras ocorreram neste bendito Concílio Ecumênico Vaticano II. O Papa Paulo VI teve a honestidade de reconhecer a espantosa tempestade em que a Igreja navega: **“Em muitos setores, o Concílio não nos deu até agora a tranqüilidade, mas ao contrário provocou inquietações e problemas não úteis ao restabelecimento do Reino de Deus na Igreja e nas almas [...] Grande parte dos males não investem contra a Igreja do lado de fora, mas a aflige, a enfraquece a corroi por dentro”.**

As dimensões do estrago, Montini a denuncia quando diz: **“A fumaça de Satanás entrou no templo de Deus... Esperava-se que depois do Concílio viria um dia de sol para a história da Igreja. Mas, pelo contrário, chegou um dia nublado, com tempestades e trevas”**

Para completar, o padre holandês **Edward Schillebeeckx**, afirmou sem hesitações: **“No Concílio, nós usamos palavras equívocas e não sabemos o que depois nós ajustaremos”.**

E João Paulo II se alia à denúncia ao lamentar: **“É preciso admitir realisticamente e com**

***dor que grande parte dos cristãos de hoje se sentem perdidos, confusos, perplexos e até desiludidos, se se difundiram fortemente idéias contrárias à verdade revelada e sempre ensinadas; se se propagaram verdades e até heresias no campo dogmático e moral, criando dúvidas, confusões, rebeliões; prejudicou-se também a liturgia. Imersos no relativismo intelectual, moral e , portanto, no permissivismo, os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo agnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralístico, por um cristianismo sociológico, sem dogmas e sem moral objetiva”***

São responsáveis aqueles teólogos que, nas faculdades universitárias, até pontifícias, e nos seminários, há anos ensinam verdadeiras e próprias heresias ou deixaram no silêncio verdades incômodas (inferno, purgatório, mandamentos, castidade, penitência, indulgências...). São responsáveis aqueles pastores de alma que, na catequese e na pregação, não levam em conta as normas da Igreja no campo litúrgico e disciplinar. E responsáveis são também aqueles leigos que se conformaram com as bobagens de certos Pastores sem protestar. É o mesmo Bento XVI que nos exorta: ***É tempo de reencontrar a coragem do anticonformismo, a capacidade de se opor e de denunciar muitas tendências da cultura que nos nos circunda. Renunciando a certa eufórica solidariedade pós-conciliar”.***

Em poucas palavras, o Pontífice reinante, no encerramento do Ano Sacerdotal, afirmou. “ ***a Igreja usa o bastão contra os sacerdotes indignos”.*** Esperemos que esta sábia advertência não caia no vazio.